

A NOÇÃO DE FORMAÇÃO DISCURSIVA: UMA RELAÇÃO ESTREITA COM O *CORPUS* NA ANÁLISE DO DISCURSO

Vanice Maria Oliveira SARGENTINI
sargentini@uol.com.br
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Introdução

No interior dos estudos da Análise do Discurso, considera-se a dupla paternidade da noção de formação discursiva. Tal conceito, proposto inicialmente por M. Foucault e, posteriormente, sob a ótica do marxismo althusseriano, por M. Pêcheux, torna-se indissociável da noção de interdiscurso. Embora mergulhada em contexto teórico que se modifica, a noção de formação discursiva, e por extensão de interdiscurso, sempre manteve relação estreita com a organização do *corpus* para a Análise do Discurso. Em *A Arqueologia do Saber*, a noção de formação discursiva associa-se à importância do campo dos acontecimentos discursivos e ao arquivo. Para M. Pêcheux, se em momento inicial, o conceito de formação discursiva vincula-se à noção de sentido remetida ao exterior ideológico, posteriormente, dá-se um deslocamento em direção aos efeitos do momento da conjuntura e do acontecimento. Apoiando-nos em Guilhaumou (2002), discutiremos as relações existentes entre formação discursiva e *corpus* em diferentes momentos dos estudos da Análise do Discurso.

1) Corpus e formação discursiva concebidos no interior da homogeneidade

Nossas considerações irão guiar-se pelo desenrolar histórico dos estudos da Análise do Discurso, originária das reflexões de Pêcheux, com vistas a acompanhar como as relações entre teoria, em especial o conceito de formação discursiva, e *corpus* apresentaram-se nesses estudos. Pautamo-nos, inicialmente, sobre proposições construídas no final dos anos 60 e início da década de 70. Dentre elas destaca-se a noção de **instrumento científico**, apresentada por Pêcheux¹, com o objetivo de trazer para as Ciências Sociais uma concepção de instrumento que não deveria ser concebido independentemente de uma teoria. Como exemplo desse problema, Pêcheux (AAD69) critica as aplicações de análise lingüística à análise de textos, bem como empréstimos feitos à informática ou à lógica. Ele aponta a necessidade de proposição de um instrumento científico, que traga em seu bojo uma intervenção teórica e prática, e para responder a isso apresenta uma teoria de análise do discurso (sustentada ideologicamente) e um dispositivo experimental (análise automática). Assim, desde o início o *corpus*

¹ Esse termo é empregado sobretudo por Paul Henry (1990), ao comentar os fundamentos teóricos da AAD69.

ocupa lugar central na Análise do Discurso, já que se trata de aplicar um método definido a um conjunto determinado de textos, ou ainda de seqüências discursivas retiradas por processo de extração ou isolamento de um campo discursivo de referência. Entretanto, como nessa primeira fase da Análise do discurso, a extração das seqüências discursivas era feita, em geral, de discursos políticos, tal fato leva a fazer parecer que essas seqüências não foram extraídas de um âmbito universal de discursos, mas sim que preexistem a qualquer universal, excluindo, assim, um exterior discursivo. Portanto, o *corpus* discursivo, no interior dessa perspectiva, devia responder a critérios de exaustividade, representatividade e homogeneidade. Entretanto, esse último, em reflexões posteriores, apresentar-se-á como obstáculo à análise. O *corpus* era, até então, construído sobre a base de um julgamento de saber (de historiadores, lingüistas), considerando-se preestabelecidas as condições de produção. Segundo Guilhaumou (2002) a constituição do *corpus* não tem por objetivo a seleção dos discursos que serão interessantes a serem analisados por si mesmos, mas são tomados como representativos (considerando que para responder a essa representatividade deverão ser homogêneos no espaço e no tempo e responderem a uma dada ideologia).

As análises desenvolvidas fixam-se, nesse primeiro momento, em entidades discursivas estáveis, com destaque para a análise do campo semântico e de frases gramaticalmente transformadas em torno de palavras-polo ou palavras-pivô (uma dada palavra é escolhida, instituída como pivô em uma ‘classe de proposições’). Entretanto, alguns trabalhos, como, por exemplo, as pesquisas de Regine Robin (1977) indicam que para abrigar esse exterior discursivo, não se trata de desenvolver apenas um modelo sociológico, mas que é preciso considerar que o discurso político articula-se em termos de aceitabilidade social, de relações entre o discurso e as práticas sociais.

Michel Pêcheux (1990) e Regine Robin (1977) em contato com o conceito de Formação Discursiva, proposto por Michel Foucault na Arqueologia do Saber, reconfiguram-no à luz do materialismo histórico e produzem, nos estudos do discurso, uma mudança substancial em relação à concepção de discurso e de *corpus*. O discurso não pode mais ser visto fora das condições históricas de produção (“O laço que liga as significações de um texto às suas condições socio-históricas, não é secundário, mas constitutivo das próprias significações” – Pêcheux, 1990: 141²) e os *corpora* devem, então, ser analisados considerando que se inscrevem no interior de determinadas condições de produção, definidas em relação à história das formações sociais. Não se trata mais de pensar um exterior discursivo, mas tende-se a pensar o espaço discursivo e ideológico onde se desenvolvem as formações discursivas em função de relações de dominação, de subordinação e de contradição, abrindo, assim, o caminho para a proposição do conceito de interdiscurso e a falência da homogeneidade do *corpus*.

A noção de *corpus* aproxima o conceito teórico de formação discursiva da parte prática a ser desenvolvida na análise. As bases ideológicas e historiográficas que antes encerravam as entidades discursivas em blocos homogêneos como o discurso da burguesia, o discurso dos comunistas, etc, e que consideravam os

² Tradução nossa.

discursos como definidos a priori, neutralizando o exterior discursivo, não resistem às novas reflexões que aproximam a noção de formação discursiva (“aquilo que pode e deve ser dito -articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.- a partir da posição dada na conjuntura social” Pêcheux, 1995:160) à noção de acontecimento.

2)Leitura do *corpus* a partir de um trajeto temático no arquivo

J.J.Courtine (1981) ao aproximar a noção de formação discursiva como proposta por M. Foucault (sistema de regularidades e de dispersão) à noção de formação discursiva como definida por Pêcheux, apresenta novos modos de compreensão do *corpus* na Análise do discurso. A concepção foucaultiana de formação discursiva articula-se a uma noção de *corpus* heterogêneo, instável, em processo de construção.

“A definição de uma formação discursiva como uma forma de repartição, ou, ainda, um sistema de dispersão convida a colocar a contradição entre a unidade e a diversidade, entre a coerência e a heterogeneidade no interior das formações discursivas; vem a fazer de sua unidade dividida “a própria lei de sua existência”. (Foucault, 1986)

Assim, Courtine (1981), em seu trabalho, redefine a noção de *corpus* discursivo –antes compreendida como “conjunto de seqüências discursivas estruturado segundo um plano definido em referência a um certo estado das condições de produção do discurso”-, introduzindo a noção de **forma de corpus**, como princípio de estruturação de um *corpus* discursivo:

“Uma tal concepção não considerará um *corpus* discursivo como um *conjunto fechado* de dados que emergem de uma certa organização; ela fará do *corpus* discursivo, ao contrário, um *conjunto aberto de articulações* cuja construção não é efetuada já no estado inicial do procedimento de análise: conceber-se-á, aqui um procedimento de análise do discurso como um procedimento de interrogação regulado de dados discursivos que prevê as etapas sucessivas de um trabalho sobre *corpora* ao longo de todo o procedimento. Isso implica que a construção de um *corpus* discursivo possa perfeitamente ser concluído apenas no final do procedimento”. (Courtine, 1981)³

Procede-se, assim, na AD, a uma ruptura com o *corpus* dado a priori, construído a partir dos saberes do analista. Passa-se, então, a descrever as configurações de arquivo (de acordo com Foucault, 1986) centradas a partir de um tema, de um conceito, enfim de um acontecimento. A questão que, então, o analista se faz é: “Qual lugar discursivo ocupa dado acontecimento discursivo num determinado arquivo?”

Dessa forma, a noção de arquivo torna-se muito produtiva nos estudos da análise do discurso. Não se trata de considerar tal noção como -enunciados conservados por uma via arquivística-, mas como um modo de acompanhar as práticas discursivas de uma sociedade:

³ Tradução nossa

“Entre a língua que define o sistema de construção de frases possíveis e o *corpus* que recolhe passivamente as palavras pronunciadas, o *arquivo* define um nível particular: o de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação (...) entre a tradição e o esquecimento, ele faz aparecerem as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistir e, ao mesmo tempo, modificarem regularmente. *É o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados*”.(Foucault, 1986: 149-150)

O corpus de análise passa, então, a ser composto por textos variados, de diversos gêneros, que circulam em diferentes suportes, sobre um mesmo tema, conceito ou acontecimento. A noção de formação discursiva é, enfim, considerada em sua heterogeneidade e tende a ser deixada de lado em função de uma operação de “leitura do arquivo”.

Observando as publicações brasileiras na área da análise do discurso, consideramos que o conceito de formação discursiva mostrou-se muito produtivo ao longo de vários anos (e até hoje). Tal fato revela-se de forma diferente a partir da metade da década de 80, na França, conforme avaliação de Guilhaumou (2004), sendo que, para o autor, o conceito de Formação discursiva sofre uma “retirada estratégica”, no que respeita à sua imposição externa, em proveito das fontes interpretativas internas ao arquivo.

“Nossa intervenção de 1983, no colóquio *História e Lingüística* é significativa, por sua vez, em relação ao mecanismo ‘transvaluation’ presentemente descrito e de seu resultado, o eclipse da noção de formação discursiva. Nós traçamos o itinerário de 10 anos de um historiador do discurso sem jamais usar a noção de formação discursiva, na medida em que ele é essencialmente questão da descoberta dos textos, sob os auspícios de uma descrição empírica da materialidade da língua no interior da discursividade de arquivo”. (Guilhaumou, 2004)⁴

Verificamos que no Brasil muitos trabalhos fazem referência, na atualidade, às reflexões propostas por Pêcheux (1990a) na obra *Discurso: estrutura ou acontecimento*, o que nos leva a considerar que tais pesquisas vinculam-se a uma abordagem da materialidade da língua na discursividade do arquivo. Assim, a noção de *corpus* em estudos da Análise do discurso apresenta-se desde a década de 80 na França e, de forma geral, na última década no Brasil, fortemente vinculada à noção de arquivo, sendo esse constituído de um ponto de vista a refletir a heterogeneidade e a representatividade na qual se insere o acontecimento a ser analisado.

Ancorado na noção de arquivo no interior da análise do discurso, Guilhaumou, historiador lingüista, apresenta os conceitos de trajeto temático, momento do corpus e co-texto, a partir dos quais orienta suas pesquisas, em particular, destacamos o artigo que escreve em conjunto com Denise Maldidier - *Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da História*, no qual ao analisar o sintagma Pão e X, no interior de um trajeto temático, em momentos do *corpus* distintos, revela que a materialidade dos textos impõe um trajeto de leitura. Marca-se nesse momento a ‘virada interpretativa’, uma vez que a lingüística deixa de ser empregada apenas como ferramenta de análise para os historiadores, e passa a fazer parte do processo de interpretação.

⁴ Tradução nossa.

3) Noção de ‘reflexividade’ do corpus: uma via aberta pelos historiadores lingüistas.

É sempre mais difícil apreender o que se passa na atualidade, entretanto, isso só é possível interpretando o passado para, então, fazer-se a história do presente. Pautados nesse percurso de modificações do conceito de formação discursiva, observamos que, em um primeiro momento, tal conceito apresentava-se no interior de um quadro althusseriano de estudos da análise do discurso, exigindo, portanto, para análise o fechamento do corpus. Na década de 80, a aproximação dos estudiosos do discurso (Pêcheux, 1983/ 1990, Courtine, 1981; Guilhaumou e Maldidier, 1986/1994) de conceitos propostos por Foucault (1986), como arquivo e acontecimento, indicam uma nova forma de organização do *corpus*, que não é dado *a priori* e que permite aos analistas buscar na própria materialidade do discurso um trajeto de leitura do arquivo.

A organização dos *corpora* nos estudos de análise do discurso desenvolvida no Brasil é, a nosso ver, feita a partir de técnicas que, em grande parte, não consideram o tratamento informático, fato que, por extensão, resulta na dificuldade de se trabalhar com uma quantidade extensa de textos a serem analisados.

Guilhaumou (2002), ao relatar os resultados de trabalhos de alguns historiadores-linguistas (entre eles Mayaffre, 2000 e 2004), cujas pesquisas fundamentam-se em um corpus organizado a partir das concepções da lingüística de corpus, favorecendo o tratamento informático, defende que tal organização do corpus permite a análise a partir da própria reflexividade dos enunciados, ou seja, “o discurso é portador de seus próprios recursos interpretativos, não estando desconectado da realidade” (Guilhaumou, 2002). Sustenta que como se considera na análise uma grande quantidade de textos, não há, portanto, razão para buscar sentidos em um contexto, pois ele já pode ser apanhado ao se analisar esse extenso corpus.

Trata-se, de uma proposta na qual se acentua o tratamento do corpus, considerando estar nesse conjunto de textos a capacidade de abrigar discursos em relação de complementaridade e a contraditoriedade. A noção de formação discursiva recebe, então, uma nova visada, sendo compreendida nesse momento de forma estendida, destacando-se que no interior dela marca-se também a relevância dos gêneros (Baronas, 2004).

Em relação ao corpus, apresenta-se, entretanto, a questão que há muito cerca os estudos da análise do discurso: pode o tratamento informático orientar a análise? A nossa ver a informática, assim como a ideologia e a centralidade do corpus, sempre estiveram em pauta na análise do discurso. Consideramos que muitas pesquisas, desenvolvidas no Brasil, ao longo dos últimos anos sofreram restrições no que tange ao material de análise devido à falta de banco de dados e à vulnerabilidade em relação ao levantamento e seleção do corpus. Tais argumentos sustentam, portanto, a importância da organização do corpus, pautado em um referencial da lingüística de corpus, entretanto, não concordamos que a análise discursiva possa restringir-se aos resultados obtidos por tratamento informático,

mas sim, apoiar-se nesses para a indicação de caminhos de análise.

Referências bibliográficas

- 1)BARONAS, R. Formação discursiva em Pêcheux e Foucault: uma estranha paternidade. In.: SARGENITNI, V; NAVARRO-BARBOSA, P. M. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade*. São Carlos; Claraluz, 2004
- 2)COURTINE, J. J. *Analyse du discours politique*. Le discours communiste adressé aux chrétiens. In.: *Langages*, 62, 1981.
- 3)FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- 4)GUILHAUMOU, Jacques e MALDIDIER, Denise Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: *Language*, nº 81, 1986. trad. bras In.: ORLANDI, E. (org.) *Gestos de Leitura da história no discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- 5)GUILHAUMOU, Jacques. Le corpus em analyse de discours: perspective historique. *Corpus*, Número 1. *Corpus et recherche linguistiques* – novembro 2002.
- 6)GUILHAUMOU, Jacques Où va l’analyse de discours? Autour de la notion de formation discursive. *Texto!* Juin 2004 .Disponível sur: http://www.revue-texto.net/ Inedits/Guilhaumou_AD.html
- 7)HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “Análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In.: GADET, F. & HAK, T. (orgs) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia Mariani et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- 8)MAYAFFRE, D. *Le poids des mots*. Le discours de gauche et de droite dans l’entre-deux-guerres. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2000.
- 9)MAYAFFRE, D *Paroles de président*. Jacques Chirac (1995-2003) et le discours présidentiel sous la V République. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2004.
- 10)PÊCHEUX, Michel La semantique et la corpure saussurienne In.: PÊCHEUX, M. *L’inquietude du discours*. Textes choisis par D.Malidier. paris: Cendres. 1990
- 11)PÊCHEUX, Michel *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi [et al.]. 2ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- 12)PÊCHEUX, Michel O Discurso: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. Campinas –SP: Pontes, 1990a.
- 13)ROBIN, Regine *História e Lingüística*. São Paulo: cultrix, 1977.